



"Não aparece em cena apenas uma ordem social hierarquizada, ao mesmo tempo reprimida e repressora, mas também aquilo que coloca o ser humano em confronto com seu potencial metafísico"

SENHORA DOS AFLOGADOS



A Lei da Vontade e do Desejo

Por LUCIANO ALABARSE
Diretor de *Senhora dos Afogados*

Senhora dos Afogados também poderia se chamar "A Paixão Segundo os Drumond". Com efeito, seus protagonistas, a família Drumond, se revelam trágicos, pederossos e inexoráveis. São personagens que vivem, na carne e na alma, a transgressão das normas que insistem na separação entre cultura e sociedade, natureza e cultura. Sua única lei conhecida, e respeitada, é a lei da vontade e do desejo.

Avassaladora, a peça despertou polêmica e irritação por ocasião de seu lançamento, em 1954. Nelson Rodrigues queria que o público o assistisse de joelhos. Parte do público, porém, se retirava indignado do teatro, enquanto outros aplaudiam de pé. Os críticos detestaram a obra e chamavam seu autor de tarado. Os intelectuais se manifestavam a favor da interdição do texto. Nelson Ro-

drigues se declarava traído e abandonado. O escândalo explodira.

Senhora dos Afogados faz parte daquele grupo que Sábatu Magaldi, na organização do "Teatro Completo de Nelson Rodrigues", agrupou sob o título de "peças míticas" (as outras são *Álbum de Família*, *Anjo Negro* e *Dorotéia*). A peça escapa, portanto, da identificação com as posteriores "tragédias cariocas" do autor. E eu, aliás, concordo com aqueles que não superestimam o "cariocês" dentro da dramaturgia rodriquesiana, porque estaria ai o objetivo menor de uma obra de alcance muito mais profundo. *Senhora dos Afogados* foi toda escrita na segunda pessoa do singular, o que por si só já a descharacteriza como "carioca". Os "Drumond", como será fácil constatar, não são malandros suburbanos, assalariados ou prostitutas. Representam sim a fina flor de uma aristocracia decadente.

Pelas rubricas iniciais, ficamos sabendo que a ação se passa perto de uma praia selvagem, numa época indeterminada. A peça funciona como uma fábula, uma síntese, uma crítica aguda à estruturação da sociedade brasileira, como um todo desequilibrado. Deixa, porém, espaço para uma interpretação múltipla a respeito das debilidades humanas, próprias, a própria origem do homem. E eu diria que aí está o seu aspecto mais significativo como obra de arte. E esse, a perplexidade do homem diante de seu próprio mistério, será o aspecto valorizado pela minha direção. Não aparece em cena apenas uma ordem social hierarquizada, ao mesmo tempo reprimida e repressora, mas também aquilo que coloca o ser humano em confronto com o seu potencial metafísico, a sua origem e o seu destino. *Senhora dos Afogados* é uma peça triste, tristíssima, que provavelmente arrancará gargalhadas da platéia.

Em cena, a tragédia da família Drumond

A família Drumond tem, em *Senhora dos Afogados* uma vertiginosa altura de queda. Afinal, trata-se de uma família das mais tradicionais. Misael, o pai, está para ser promovido a ministro. Isto não impede, entretanto, que ao abrir o pano, a família já esteja a degringolar. A queda começou há 18 anos, no dia do casamento de Misael e Dona Eduarda, quando assassinou uma metrizada do cais. Pois, como não poderia deixar de ser, é o próprio sujeito que cava a sua degradação. Com suas próprias mãos. As mãos têm um papel primordial neste texto de Nelson.

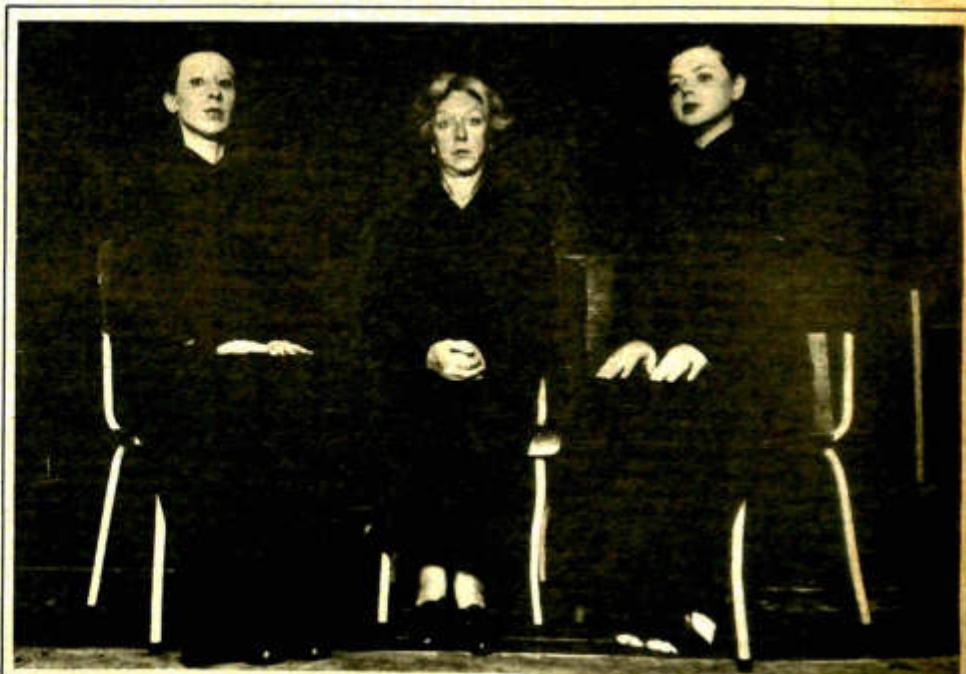
As mãos, o mar, dois elementos sobre os quais vale a pena meditar com mais calma. Eles dão uma espécie de acabamento à peça, aumentando o clima de premonição, destino — clima no sentido físico do acontecimento teatral como também no psicológico — e cuja ausência acarretaria certamente uma atenuação na ideia da tragédia. As mãos simbolizam toda a cultura trágica da peça, pelo menos em relação a Moema, filha de Eduarda, e à própria Dona Eduarda. Sim, porque é necessário lembrar que os personagens da tragédia têm plena consciência da culpa que lhes cabe. Moema, por exemplo, tem plena consciência do seu desejo. Executa ações, premeditadas, para satisfazê-lo. Dona Eduarda também tem plena consciência de que deseja vingar a morte de sua mãe. É todo um encadeamento extremamente complexo de ações. Ações pelas quais quem vai pagar são as mãos... as mãos de Dona Eduarda. As mãos que acariciam, as mãos que traoram. Mas a vingança de Misael não lhe trará sossego. E disso ele também tinha consciência. Pois não é verdade que o conflito trágico não tem solução? Moema, ao ser enfim a única filha e a única mulher em casa, não terá também a recompensa desejada. Mas nada teria feito com que ela, ou Misael, ou até mesmo Dona Eduarda não levassem até o final aquilo que de certa forma os puxava. É a inevitabilidade outra característica da tragédia. A inevitabilidade que, como o mar, como o farol remoto, não deixará nunca de pulsar. ("Nelson Rodrigues e o Fato do Palco" — Angela Lette Lopes, 1979)

integram o elenco, participando do coro e interpretando os fantasmas.

O que se vê em *Senhora dos Afogados* são as relações incestuosas, o adultério, a traição, a violência. No seu lançamento, a peça despertou polêmica e irritação. Os críticos detestaram a obra e chegaram a chamar seu autor de tarado. Nelson se declarava traído e abandonado. Trinta anos depois, o diretor Luciano Alabarse acredita que, apesar de ser uma peça triste, arrancará gargalhadas da platéia. A produção é da Proáres, e o patrocínio do Bamerindus, com apoio da Susec/RS.



Nelson Rodrigues



Adriane Motola, Anita Tachenco, Eliane Steinmetz